De Moçambique ao Mundo

+700

candidaturas.

18 entrevistas. 2 ofertas.
Zero agências.

O método que me levou de Maputo para a Alemanha, passo a passo. Também para Portugal.

FENIX PROFESSIONAL INSTITUTE

De Moçambique ao Mundo

O método que me levou de Maputo para a Alemanha, passo a passo. Também para Portugal.

FENIX PROFESSIONAL INSTITUTE

© 2026 Fenix Professional Institute. Todos os direitos reservados.

O autor deste livro preferiu manter o anonimato.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou partilhada sem autorização do Fenix Professional Institute. A cópia que comprou é para uso pessoal.

As regras de imigração, os custos e os prazos mudam. Os valores indicados foram verificados na data desta edição; confirme sempre nas fontes oficiais antes de tomar decisões.

livros.fpi.edu.mz · fpi.edu.mz

Versão 1.1, Novembro de 2026

Índice

Introdução 1
1 · Decidir: porquê a Alemanha 4
2 · Reconhecer diplomas e certificados 10
3 · A língua: inglês para entrar, alemão para viver 13
4 · Encontrar emprego a partir de Maputo 17
5 · O visto de trabalho 26
6 · Quanto custa 31
7 · Portugal: o mesmo processo, outro destino 35
Conclusão 44

Anexo A · Fontes oficiais para o visto e o diploma 47
Anexo B · Folha de orçamento da mudança 50
Anexo C · Modelo de CV 52
Anexo D · Plano de acção 55

Introdução

Durante seis anos tentei emigrar para o Canadá, e durante seis anos a resposta foi não.

Em 2021 mudei de destino e de método. Estudei como a Alemanha recebe profissionais estrangeiros, candidatei-me a cerca de 700 vagas a partir de Moçambique (cerca de 600 na Alemanha e 100 no Reino Unido) e fiz 18 entrevistas. Em Setembro desse ano recebi duas ofertas de emprego. Pedi o Cartão Azul UE sozinho, sem agências, e mudei-me para a Alemanha com a minha família. É lá que vivo hoje.

Fiz tudo isto a trabalhar a tempo inteiro, com um bebé em casa e com o apoio da minha mulher. Não paguei a agências. Fui construindo um método, à força de errar, e é esse método que conto aqui.

Publico este livro sem o meu nome. A história é verdadeira, com os números reais: as candidaturas, os prazos e os custos.

Do que trata este livro

Este livro é sobre o caminho até à Alemanha: como decidir para onde ir, como preparar os documentos, como procurar emprego

a partir de Moçambique e como tratar do visto. Conto o que fiz, o que fiz mal e o que faria hoje de outra forma.

Não é sobre a vida depois de chegar. O mais importante é como chegar lá e como se preparar para isso.

O meu percurso em datas

- **2016:** comecei a candidatar-me a vagas no Canadá, ainda estudante.
- **2017:** primeira entrevista para fora, numa empresa canadiana. Cheguei à fase técnica e não passei.
- **2018:** terminei o curso e comecei a trabalhar em Moçambique.
- **Início de 2021:** mudei de destino e de método. Comecei a candidatar-me na Alemanha e, nesse ano, também no Reino Unido: cerca de 700 candidaturas ao todo.
- **Março de 2021:** passei a programador na empresa onde trabalhava.
- **Setembro de 2021:** recebi duas ofertas de emprego na Alemanha.
- **Depois da oferta:** reconhecimento do diploma na ZAB (cerca de dois meses), pedido do Cartão Azul UE e mudança para a Alemanha com a família.

Para quem é

É para quem está em Moçambique e quer trabalhar na Europa, e sobretudo na Alemanha. O meu caminho foi o de um profissional de informática com uma oferta de emprego, e é esse que conto em pormenor. Se trabalha noutra área, a parte sobre como escolher o destino, preparar o perfil e procurar emprego também é para si, e o capítulo 5 mostra outras vias, como a enfermagem e o estudo. Se

pensa em Portugal, o capítulo 7 percorre os mesmos passos com as regras portuguesas.

O que este livro não é

Não é um atalho. Não há forma de conseguir um visto sem cumprir os requisitos, e desconfie de quem lhe prometa o contrário.

Também não é um guia de regras. As regras de imigração mudam, e mudaram desde que eu fiz o meu processo. Por isso, sempre que falo de requisitos, aponto para as fontes oficiais. Os factos sobre regras foram verificados nas fontes oficiais em Outubro de 2026, mas confirme-os sempre antes de dar cada passo.

Como usar este livro

Os capítulos seguem a ordem do processo:

1. Decidir: porquê a Alemanha.
2. Reconhecer diplomas e certificados.
3. A língua: inglês para entrar, alemão para viver.
4. Encontrar emprego a partir de Maputo.
5. O visto de trabalho.
6. Quanto custa.
7. Portugal: o mesmo processo, outro destino.

Pode lê-lo do princípio ao fim, ou ir directamente ao capítulo de que precisa. Cada capítulo termina com um resumo e com uma lista curta: **O que fazer esta semana**. No fim do livro, os anexos reúnem as fontes oficiais, uma folha de orçamento, um modelo de CV e um plano de acção com todos os passos por ordem.

Não leia este livro de uma vez e o arquive. Leia um capítulo, faça os passos dessa semana, e só depois avance. O livro só funciona se o puser a trabalhar.

CAPÍTULO 1

Decidir: porquê a Alemanha

Entre 2016 e 2021 candidatei-me a vagas no Canadá. Empregos, estágios, tudo o que encontrava no LinkedIn. Foram seis anos de candidaturas, e a resposta foi sempre a mesma: não.

Durante muito tempo achei que o problema era o meu currículo, ou a sorte, ou a distância. Não era. O problema é que eu não percebia como funciona a imigração para o Canadá. Foi um dos maiores erros de todo o meu percurso: querer ir para um país sem entender as regras desse país.

Este capítulo é sobre esse erro e sobre como troquei o Canadá pela Alemanha. Se ainda não escolheu o seu destino, ou se já se candidata há meses sem resposta, comece por aqui.

Como tudo começou

A ideia de trabalhar fora do país nasceu na faculdade. Um colega falava do sonho de trabalhar numa grande empresa internacio-

nal de tecnologia. Até então eu nem pensava nisso. Não conhecia moçambicanos de informática a trabalhar fora. O normal era acabar o curso e procurar emprego em Moçambique.

Comecei a ir às palestras e aos programas que as comunidades de tecnologia organizavam em Maputo, muitas vezes na própria faculdade, e foram uma inspiração. A minha forma de pensar deixou de estar só em Moçambique. Estava a sair daquilo a que chamo uma ilha mental: percebi que podia ir para qualquer lado do mundo, desde que me esforçasse.

Seis anos a bater à porta do Canadá

Comecei em 2016, ainda estudante. Durante a universidade já desenvolvia aplicações Android. Tinha experiência prática, tinha vontade e tinha o LinkedIn. Achei que bastava.

Concentrei-me numa empresa canadiana onde trabalhava alguém que eu conhecia. Candidatava-me a estágios e a vagas de programador júnior. Por volta de 2017, ainda estudante, tive a minha primeira entrevista para fora. Passei a primeira fase. Passei a segunda. A terceira era técnica: um problema de algoritmos, uma espécie de quebra-cabeças de programação, resolvido em videochamada, a partilhar o ecrã e a explicar o raciocínio em voz alta. Não estava preparado, e não passei.

Ainda hoje me lembro dessa entrevista. Eu estava mesmo à porta.

Terminei o curso em 2018 e comecei a trabalhar em Moçambique. Nunca deixei de estudar e de fazer cursos para melhorar o perfil, sempre a pensar em sair. E continuei a candidatar-me ao Canadá. Durante cerca de dois anos e meio, não consegui uma única entrevista.

O erro: não perceber o sistema

Só mais tarde percebi porquê. Eu candidatava-me a empregos, mas um empregador canadiano raramente contrata alguém de fora que ainda não tem como trabalhar no país. Para a maioria dos profissionais qualificados, o caminho não começa com uma vaga: passa por um sistema de pontos. No programa Express Entry, cada candidato recebe uma pontuação calculada sobretudo a partir da idade, da escolaridade, do nível de inglês ou francês e da experiência profissional. Em cada ronda, só os perfis acima da pontuação mínima são convidados a pedir residência permanente.

Para pontuar, eu precisava de duas coisas que não tinha:

- **Um resultado do IELTS**, um dos exames de inglês aceites. Sem um exame de língua válido, nem sequer se consegue completar o perfil.
- **O reconhecimento do diploma**, uma avaliação oficial feita por uma entidade designada pelo Governo canadiano, que diz a que corresponde um diploma moçambicano no sistema canadiano. Sem ela, a formação feita fora do Canadá não conta pontos.

Só mais tarde soube que muitos chegavam ao Canadá pela via do estudo: faziam um mestrado lá e ficavam. Para mim, de qualquer forma, não era opção. Já era casado, e o mestrado e a vida no Canadá eram muito caros.

Sem esses dois documentos, eu não tinha como chegar à pontuação necessária. E um recrutador canadiano, ao receber uma candidatura de fora, pergunta primeiro: esta pessoa consegue autorização para trabalhar aqui? Se a resposta não é evidente, a candidatura fica pelo caminho. Não era o meu trabalho que estava a ser recusado. Era a falta de um caminho claro para o visto.

> *Antes de se candidatar a um único emprego noutro país, perceba como esse país escolhe os seus imigrantes. É isso que os recrutadores avaliam primeiro, mesmo que nunca o digam.*

Mudar de estratégia

Foi preciso perceber outra coisa: eu estava a insistir no caminho errado, e não só no país errado.

Comecei a reparar em quem conseguia sair. Eram sobretudo programadores. A minha área, na altura, estava mais ligada aos dados. Em Março de 2021 surgiu a oportunidade de mudar para uma posição de programador dentro da empresa onde trabalhava, e mudei. Nesse mesmo mês nasceu o meu filho. Sonhava sair havia anos, e senti que era o momento de acelerar.

Um ou dois meses depois comecei a ter entrevistas. Muitas.

> *Persistir não é repetir a mesma coisa durante anos. Às vezes é preciso parar, olhar para o mercado e mudar de estratégia.*

Porquê a Alemanha

Em 2021 mudei também de destino. Candidatei-me à Alemanha e ao Reino Unido: cerca de 600 candidaturas na Alemanha e 100 no Reino Unido. Foi da Alemanha que veio a maior parte das entrevistas, o que não surpreende, porque era lá que eu enviava a maior parte das candidaturas. Escolhi concentrar-me nela por duas razões.

A primeira foi o processo de visto. Desta vez fiz o trabalho de casa antes de começar. Estudei como a Alemanha recebe profissionais estrangeiros e concluí que, para alguém da minha área,

o caminho era mais acessível. Na Alemanha, a via habitual para trabalhadores qualificados começa com uma oferta de emprego: com o contrato ou uma oferta concreta, pede-se o visto. Para profissionais de informática as regras estão entre as mais favoráveis: o salário exigido para o Cartão Azul é mais baixo e, hoje, a experiência profissional pode substituir o diploma reconhecido. Os detalhes estão no capítulo 5.

A segunda razão foi pessoal: tinha família na Alemanha. Ter alguém do outro lado não resolve a burocracia, mas dá-lhe informação em primeira mão sobre a vida no país e alguém com quem contar à chegada.

Foi assim que comecei de novo, agora com um plano. Nos meses seguintes candidatei-me a cerca de 700 vagas, a maior parte na Alemanha, e fiz 18 entrevistas. Cada uma ensinou-me alguma coisa. Essa parte da história está no capítulo 4.

Antes de escolher o seu destino

Responda a estas perguntas antes de enviar a primeira candidatura:

1. Como é que este país escolhe imigrantes na minha área? Por pontos, por oferta de emprego, ou pelas duas vias?
2. Que documentos preciso de ter antes de começar? Exame de língua, reconhecimento do diploma, certidões.
3. O meu perfil cumpre hoje os requisitos? Se não, o que falta e quanto tempo leva a resolver?
4. A minha profissão tem procura nesse país?
5. Conheço alguém lá que me possa dar informação real?
6. Que língua preciso de falar para trabalhar? E para viver?

Se não consegue responder às três primeiras, ainda não está pronto para se candidatar. Não é desistir. É poupar anos.

Em resumo

- Seis anos de candidaturas ao Canadá falharam sobretudo porque eu não tinha um caminho de visto: candidatava-me a empregos sem perceber o sistema de pontos e sem os documentos que ele pede. Na entrevista de 2017 cheguei à terceira fase, mas não estava preparado para a parte técnica.
- Os recrutadores avaliam primeiro se o candidato tem um caminho claro para o visto.
- Mudar de estratégia fez a diferença: passei para programação, a área em que havia mais procura lá fora, e as entrevistas começaram a aparecer.
- Escolhi a Alemanha porque estudei o processo e o achei mais acessível para a minha área, e porque tinha família lá.
- No próximo capítulo: o reconhecimento de diplomas, um dos documentos que me faltaram no Canadá.

O que fazer esta semana

- Escreva os dois ou três países que está a considerar. Para cada um, procure no site oficial de imigração como escolhe trabalhadores da sua área.
- Responda por escrito às seis perguntas deste capítulo.
- Faça a lista do que lhe falta hoje (exame de língua, reconhecimento do diploma, experiência) e de quanto tempo leva cada coisa.
- Encontre no LinkedIn três pessoas da sua profissão que já emigraram para esse país. No capítulo 4 explico como falar com elas.